

MUNDOS EM TRADUÇÃO: BREVES APONTAMENTOS SOBRE HISTORIOGRAFIA UNIVERSAL EM LÍNGUAS VULGARES

Mariana Leite*

Instituto de Filosofia – U. Porto

ABSTRACT: Reflecting on the permanence and longevity of universal chronicles throughout the Middle Ages, a brief reflection is presented on the genre and its diffusion. Associated with the double transmission of biblical and ancient material in medieval Europe, these chronicles are excellent vehicles for imperial, royal or other governing argumentations. Thus, the multifaceted character of medieval world history translations is evaluated: the linguistic translation, with the passage from Latin to vernacular languages, and the political translation, which co-opts the history of the world for different political and ideological argumentations.

KEYWORDS: Medieval Universal Chronicles; Translatio Studii; Vernacular Medieval Historiography; Iberian Vernacular Chronicles

RESUMO: Reflectindo sobre a continuidade e longevidade das crónicas universais ao longo da Idade Média, apresenta-se uma breve reflexão sobre o género e a sua difusão. Associadas à dupla transmissão de material bíblico e clássico na Europa medieval, estas crónicas transmitem por excelência argumentos que sustentam o poder imperial, régio ou de outras formas de governo. Avalia-se, assim, o carácter multifacetado das traduções da História do mundo medieval: a tradução linguística, com a passagem do latim para as línguas vulgares, e a tradução política, que coopta a história do mundo para diferentes argumentações políticas e ideológicas.

PALAVRAS-CHAVE: Crónicas Universais Medievais; Translatio Studii; Historiografia Medieval Em Vernáculo; Crónicas Vernaculares Ibéricas

1. Um panorama sobre historiografia universal na Idade Média

Se todas as culturas humanas têm uma cosmogonia, ou relatos da criação que explicam a formação e/ou existência do cosmos, e sobretudo da Humanidade dentro dele, pode considerar-se que o conceito de historiografia universal é inerente a toda a humanidade. Todas as civilizações, ao estabelecer um relato das origens, inserem-no – inserindo-se também – num contexto universal, que as situa e justifica dentro do conjunto de toda a humanidade, e em linha com o próprio universo existente. Neste sentido, compreende-se também que historiografia universal se funda tão profundamente com a religião, já que desta última depende a mundividência para a compreensão da história humana no seu contexto universal. Num mundo criado ou eterno, as narrativas de origem certamente variam: no entanto, em nenhum dos casos deixam de existir, dando conta da necessidade transversal à experiência humana de compreender (a si e aos outros) no cosmos.

Para o contexto europeu, e especialmente aquele que vai vigorar ao longo da Idade Média e posteriormente, oferecem-se – e acabam por se fundir – duas grandes perspetivas que dão conta também de cosmogonias distintas: por um lado, as heranças pagãs, mormente a greco-latina; por outro, a tradição das religiões abraâmicas, ou seja, heranças hebraica, cristã e islâmica. Com efeito, a historiografia universal que floresce com particular

* msleite@letras.up.pt

vigor a partir do século XII encontra as suas raízes na Antiguidade Clássica, já desde o século III a. C. (Campopiano, 2017, pp. 1-9). Confluindo com a história dos impérios, visa acima de tudo dar conta de todo o conhecimento sobre o passado do mundo e da humanidade. Neste sentido, é em grande medida a partir da história dos grandes impérios que se tecem pontes para a história universal: por um lado, a partir da integração de novos territórios sob domínio imperial; por outro, para também situar cada império no contexto geográfico e político que o envolve. Ao mesmo tempo, encontramos a tradição hebraica, também ela recetora de influências helenísticas, cuja cultura religiosa assenta no princípio escatológico de um mundo criado, partindo de um texto sagrado que regista a história do povo eleito desde a sua génese.

São estes os dois pilares em que assenta a historiografia universal que se vai desenvolver sobretudo a partir da antiguidade tardia (Allen, 2003). Autores como Agostinho, Eusébio de Cesareia e Jerónimo, mais tarde seguidos por Orósio ou Isidoro de Sevilha, reflectem sobre como compreender a história da humanidade partindo sempre da fusão entre as duas tradições que recebem, como autores cristãos herdeiros da cultura grega e latina.

Posto isto, compreender a historiografia universal que se vem a desenvolver ao longo da Idade Média é compreender que, por um lado, esta tem sempre uma contextualização sacralizante (Breisach, 2007, pp. 128-130) – a história sagrada, proveniente da matéria bíblica – e uma contextualização imperial (ou seja, dos que detêm o domínio sobre o mundo): a história dos pagãos, ou seja, gregos, troianos e romanos. Neste sentido, também as crónicas universais vão pautar-se por serem concebidas em contextos que, de algum modo, reclamem uma herança ideologicamente cristã mas politicamente imperial (Campopiano, 2017, pp. 10-18). De facto, o progressivo desenvolvimento de novos textos justificativos de poderes autónomos que vemos despontar sobretudo a partir do século XII dão precisamente conta deste fenómeno (Tyler, 2017; Wittig, 2017; Gaullier-Bougassas, 2017).

O subsequente interesse pelas matérias clássicas que, desde muito cedo, desembocam na justificação de governos seus contemporâneos, verifica-se precisamente na explosão de produtos literários em redor quer de temas clássicos – como Troia, Alexandre, Eneias – quer pela atualização destes tópicos em novas matérias, com figuras como Artur ou Carlos Magno a apresentarem-se como herdeiros diretos de longínquos antepassados forjados nas matérias clássicas de partida. Na realidade, esta filiação numa linhagem clássica não é, de todo, uma inovação medieval – basta atentar, precisamente, no referido Eneias, fundador de Roma que escapa à destruição de Troia. Porém, aquilo a que vamos assistir é a uma multiplicação de antepassados troianos que ou virão a servir de argumento para uma herança imperial diretamente romana ou para ajudar a compreender a fragmentação do poder imperial por várias cortes europeias.

Em simultâneo, também se assiste ao longo do século XII a um significativo incremento intelectual por parte de meios ligados à Igreja, mormente pela fundação das primeiras universidades onde, para compreender disciplinas como Teologia, se torna

fundamental conhecer História. Estes circuitos eclesiásticos, que herdaram os autores cristãos previamente mencionados, vão sobretudo pautar-se pela divulgação de história sagrada comentada, que segue fundamentalmente as linhas traçadas por Eusébio e Jerónimo nos cânones crónicos a que, naturalmente, a Ibéria medieval não só não tinha sido alheia (Furtado, 2022) como manteve a produção crónica bem depois dos seus Paulo Orósio ou Isidoro de Sevilha (Jerez, 2006, pp. 12-16), não poucas vezes retomando-os (Furtado, 2023). Com o desenvolvimento da escolástica, vemos diversas obras que promovem a interpretação do texto sagrado através de comentários que, embora quase sempre centrados na história bíblica, poderão já incluir incidências mais ou menos longas sobre temas pagãos coevos. Tal é especialmente o caso da *Historia Scholastica* (1168-1175) de Pedro Comestor (m. 1178), que surge das lições deste mestre de S. Vítor (Clark, 2016), e acaba por se tornar um dos principais modelos e fontes para as crónicas universais subsequentes (Daly, 1957, pp. 67-71; Morey, 1993, pp. 8-9).

2. Entre corte episcopal e imperial, entre latim e vernáculos

Se a historiografia universal já é dúplice na sua fundamentação, revela-se também dúplice na sua produção medieval. Porém, estas duas tendências – imperial ou laica e eclesiástica – não são estanques, fundindo-se muitas vezes e notando-se um claro contacto entre meios produtores e receptores deste tipo de obra. De facto, é significativo que os principais autores de crónicas universais sejam membros do clero que produzem obras dedicadas a figuras de poder temporal. É este o caso das crónicas universais produzidas em honra dos imperadores do Sacro-Império, nomeadamente da *Chronica duabus civitatibus* ([1146] 1912) de Otto de Freising (c. 1111–1158), ou do *Pantheon* ([1185] imp. 1726) de Godofredo de Viterbo (c. 1120–1195). O primeiro, bispo de Freising, dedica a sua *Weltchronik* ao seu sobrinho, o imperador Frederico I. Já Godofredo, capelão e notário da corte do mesmo Frederico I, vem a dedicar a sua crónica universal ao filho deste, Henrique VI (Foerster, 2015; Campopiano, 2017a). Em ambos os casos, tratam-se de crónicas universais em latim – para todos os efeitos, a língua de cultura e também língua imperial – que tomam a figura do imperador como culminar da história.

Será no século seguinte que iremos encontrar as primeiras manifestações da transformação que já vinha ocorrendo no universo literário, mormente romanesco: a ascensão das línguas vulgares ao estatuto de línguas de cultura. Esta transição da escrita em latim para os diferentes vernáculos, sobretudo a que acarreta a tradução de fontes latinas, como é o caso da historiografia, parte de um paradoxo: o desejo de continuidade da tradição antiga (a cultura latina) na língua efetivamente falada pelos promotores e recetores dos textos, ao mesmo tempo que, usando de novas línguas, se acaba por fragmentar a unidade linguística e cultural da tradição latina (Copeland, 1995, p. 106). Por outro lado, ao contrário do que poderia ocorrer na tradução entre línguas com o mesmo estatuto, o latim não só não era definitivamente a língua de prestígio como sobretudo não era percebida como uma língua realmente alheia à realidade cultural dos que a transladavam para os seus vernáculos (Copeland, 1995, pp. 96-97). Nesse sentido, o texto

em vulgar tornava-se, como até a terminologia implica, numa versão mais comum, e por isso menos prestigiada, do que era transmitido pelo texto latino (Heusch, 2018, p. 12). Por outro lado, as diversas manifestações literárias – mormente poesia – que começam a florescer em diversas línguas um pouco por toda a Europa, sobretudo a partir do século XII, permitirão uma progressiva elevação dos diversos vernáculos.

Embora toda esta produção influa na dignificação das línguas vulgares, para a historiografia universal é particularmente relevante a proliferação dos grandes *romans antiques* – longos textos, inicialmente em verso mas depois também em prosa, sobre grandes figuras ou motivos da Antiguidade. Partindo de versões latinas para se virem a autonomizar plenamente das suas fontes e chegarem a frutificar em monumentais ciclos romanescos, virão a tornar-se também eles fontes e incentivo para a produção de historiografia universal em vulgar. A popularidade destes *romans* acaba por promover, assim, a produção de mais obras sobre as grandes figuras da Antiguidade nas diversas línguas romances – as línguas em que tais textos eram redigidos. Por outro lado, para a plena compreensão das implicações da *translatio* do latim para os vulgares no contexto da historiografia universal, é necessário ainda considerar a importância fundamental da matéria bíblica como esqueleto da História. Sem nos adentrarmos pela problemática complexa da tradução da Bíblia neste período (Lourdaux e Verhelst, 1984; Salvador, 2007; Van Liere, 2014), a verdade é que conceber uma história universal em vulgar requer, também, a tradução e inclusão da Bíblia, muitas vezes através de, ou incorporando, as suas glosas e paráfrases (Sánchez-Prieto Borja, 1994; Rubio Tovar, 1997, pp. 215-216).

A ascensão da escrita em vernáculo irá, assim, ser também acompanhada pela escrita da historiografia universal noutras línguas além do latim. Embora esta não deixe de ser a língua da escrita por excelência, e em grande medida, como veremos adiante, continuará a ser pelo menos concomitante com línguas locais na produção de textos historiográficos, a verdade é que também a vernacularização chegará, e com bastante força, a este género (Campbell, 2018). Logo nas primeiras décadas do século XIII encontramos o caso paradigmático da *Estoires Rogier*, ou *Histoire Ancienne jusqu'à César* de Wauchier de Denain (Douchet, 2015), que redige em francês a sua história universal em honra do castelão de Lille, Rogério IV, destacando em particular a história de Troia e de Alexandre através da adaptação quer de fontes latinas, quer de fontes em vulgar (Gauillier-Bougassas, 2017). Décadas depois, vemos no projeto de Rudolf von Ems (c. 1200-1254) uma iniciativa semelhante: a de compor, em médio alto-alemão, uma crónica do mundo dedicada, desta vez, ao candidato ao Sacro-Império Conrado IV (Thierry, 2017; Leite, 2020). A estas iniciativas deverão também ser adicionadas as progressivas cópias e traduções, quer de fontes historiográficas de cariz mais bíblico, como a já referida *Historia Scholastica*, quer de romances antigos, os quais antecipam o florescimento exponencial de crónicas universais em línguas vulgares.

3. Da *translatio imperii* à *translatio Historiae* em contexto ibérico

Centrando-nos no contexto ibérico, isto é particularmente notável em Leão e Castela. É verdade que também aqui iremos encontrar crónicas universais em latim, compostas também em honra de figuras régias ou imperiais, como é o caso do *Chronicon Mundi* ([1238] 2003) de Lucas de Tuy (m. 1249), encomendada por Berengária, mãe de Fernando III de Leão e Castela (Martin, 2001, pp. 282), e do *Breviarium Historiae Catholicae* (ed. 1992; Arizaleta, 2003; Carvajal González, 2013) de Rodrigo Ximenes de Rada (c. 1170-1247), autor que, a mando do próprio Fernando III, também compõe a sua *Historia Rebus Hispaniae*. Ainda que estes projetos, da primeira metade do século XIII, sejam em latim, a verdade é que o uso progressivo de línguas vulgares parece acompanhar a promoção de obras latinas (Férrandez-Ordóñez, 2002-2003), mantendo-se estas, muitas vezes, como fonte para obras em vulgar (Martin, 2000). O mais antigo texto deste género em romance produzido na península é o *Liber Regum* (Bautista, 2010), que relata a história das linhagens de todas as figuras régias desde a Criação, vindo a centrar-se depois no contexto ibérico. Traduzido do navarro-aragonês por volta de 1260 para castelhano, onde toma o nome de *Libro de las Generaciones* (Martin, 2010), foi uma das fontes mais fecundas para a historiografia ibérica em vulgar, nomeadamente portuguesa (Cintra, 1950; Catalán, 1962, pp. 355-421; Miranda, 2010; Ferreira, 2010).

Será também em contexto castelhano que iremos encontrar a maior crónica universal da península ibérica – e talvez dos mais ambiciosos projetos do género a ser redigido em vernáculo na Europa medieval: a *General Estoria* (c. 1274-1284; ed. 2009) de Afonso X (1221-1284). Nesta crónica prevê-se compilar toda a história do mundo, desde a criação até ao reinado do próprio Afonso X, apresentando em partes equitativas a matéria pagã e sagrada. O projeto, inacabado, apenas atinge o início da vida de Maria, mãe de Cristo. Ainda assim, apresentara entretanto a tradução completa do Antigo Testamento – incluindo livros que, à partida, não têm interesse historiográfico, nomeadamente os poéticos – bem como de diversos romances antigos ou mesmo de fontes latinas pela primeira vez vertidas para castelhano – como é o caso da *Farsalia* de Lucano, ou de várias das epístolas das *Heroides* de Ovídio. Além daquelas que seriam fontes mais tradicionais para a cronística universal medieval, à *General Estoria* acresce ainda a tradução de fontes árabes, sobretudo relativas a elementos geográficos, tornando-a mais próxima de um projeto como o enciclopédico *Speculum Maius* que Vincent de Beauvais produzira, em latim, por encomenda de Luís IX (Voorbij e Albrecht, 1996).

A valorização da língua régia, o castelhano, como língua de cultura e poder tão capaz quanto a latina de transmitir conhecimentos que verificamos na *General Estoria* não pode ser compreendida fora do contexto da notável produção cultural de Afonso X, na qual joga um papel fundamental a tradução, a seu turno também essencial para a crónica universal afonsina (Sánchez-Prieto Borja, 1994; Rubio Tovar, 2014; Salvo García, 2018). Com as traduções que promove, desde a juventude e ao longo do seu reinado, de obras latinas, francesas e árabes para aquele que irá definir como *castellano drecho*, o monarca está ao mesmo tempo a promover a integração de léxico científico na variante linguística que elege

para o seu reino e a valorizá-la face ao latim de uma forma raramente vista no seu tempo (Heusch, 2018, pp. 14-15). Finalmente, a *General Estoria* apresenta ainda a particularidade de ter a sua autoria reivindicada pelo próprio promotor, diferentemente do que ocorrera com toda a cronística universal até então produzida, quer em latim, quer em vulgar (Leite, 2020); realmente, Afonso X afirma-se como autor da obra, comparando o seu papel de coordenador ao do monarca que ordena a construção de um palácio (Afonso X, ed. 2009, pp. I, II, 393).

Convém não esquecer que Afonso X de Leão e Castela era, por via paterna, herdeiro das reivindicações imperiais ibéricas; por via materna, era um Staufen e neto de Isaac II de Constantinopla. Debalde esta genealogia propícia para ser eleito para o Sacro-Império, em 1272 vê as expectativas da sua candidatura goradas. Assim, de forma diferente do que acontece com os seus antecessores – e também com os que o hão de suceder – o rei e candidato ao império torna-se autor, numa língua vulgar que desde sempre valorizou e colocou ao nível da língua imperial por excelência, o latim, de um dos mecanismos mais utilizados para promover a legitimidade imperial, a cronística universal.

Recebida em Portugal desde o século XIV (Leite, 2012; Miranda, 2016; Leite, 2017), será apenas quando se começam a desenhar novos paradigmas políticos – com a ascensão da dinastia de Avis – que a *General Estoria* se faz traduzir ao português (Martins, 1950; Leite, 2012; Leite, 2017a; Leite, 2022). A ter havido, no entanto, iniciativas prévias de crónicas universais enquanto tal em Portugal, estas ter-se-ão ficado pela segunda metade do século XIII (Leite, 2022a), sobrevivendo com muito mais relevância e vigor outras iniciativas historiográficas e literárias.

Pelo breve panorama apresentado, podemos constatar três aspectos relevantes. Em primeiro lugar, a continuidade e vitalidade da cronística universal, cuja produção e recepção se mantém continuamente desde a Antiguidade Tardia até ao final da Idade Média. Em segundo lugar, a associação que este tipo de crónica terá a figuras imperiais: ao centrar a história no seu promotor/ receptor, inscreve-se essa mesma figura no âmbito da história universal, ao lado das mais reverenciadas figuras e, também, integrada na história da salvação. Finalmente, as crónicas universais vão também ser sujeitas, tal como outras manifestações culturais entre o século XII e XIII, a passagem do latim ao vernáculo, não só oferecendo ao seu público uma história do mundo na sua própria língua como, sobretudo, tornando essa língua numa língua de poder, porque igual em dignidade ao latim para relatar a história sagrada e pagã.

Com isto, verifica-se a translação da cronística latina para o vulgar, a par do que ocorre com as diversas translações dos impérios: uma manifestação da *translatio studii* que implica não só a *translatio imperii* como ainda o que podemos designar por *translatio Historiae* (Gassman, 1973; Campbell, 2018) -- a translação das narrativas que, quando são sobre história universal, implicam translação de mundividências sobre o surgimento do mundo, da humanidade, e do seu lugar no espaço e tempo. Se traduzir é convocar o passado para o presente, atualizando-o e reativando-o (Rubio Tovar, 2013, pp. 114-115), compreende-se que, tal como o *Imperium* passara de Troia para Roma, e depois para diferentes figuras que

reclamam a sua herança – desde a Alemanha até à Ibéria – também a cronística universal passará da língua de Roma para as línguas de cada uma das manifestações subseqüentes de um *Imperium* que, para os medievais, nunca sucumbira.

REFERÊNCIAS

- Alfonso X (2009) *General Estoria*. Sánchez-Prieto Borja, P. (coord.) *Biblioteca Castro*, Fundación José Antonio de Castro, VI partes (tomos I-X). Madrid.
- Allen, M. (2003) 'Universal history 300-1000: origins and Western developments' in Deliyannis, D. (ed.) *Historiography in the Middle Ages*. Leiden, Boston: Brill, pp. 17-42.
- Arizaleta, A. (2003) 'Ut lector agnosceret: discurso y recepción en la obra de Rodrigo Jiménez de Rada (primera mitad del siglo XIII)', *Cahiers de linguistique et de civilisation hispaniques médiévales*, 26, pp. 163-186 [online]. Disponível em: <https://doi.org/10.3406/cehm.2003.2018> (Acesso: 1 jul. 2023).
- Bautista, F. (2010) 'Original, versiones e influencia del Liber Regum: estudio textual y propuesta de Stemma', *e-Spania*, 9, 6 jun. 2010 [online]. Disponível em: <http://e-spania.revues.org/19884> (Acesso: 1 jul. 2023).
- Breisach, E. (2007) *Historiography: ancient, medieval and modern*. Chicago: University of Chicago press.
- Campbell, E. (2018) 'The politics of medieval European translation' in Fernández, F. and Evans, J. (eds.) *The Routledge handbook of translation and politics*. Abingdon: Routledge, pp. 410-423.
- Campopiano, M. (2017) 'Introduction: new perspectives' in Campopiano, M. and Bainton, H. (eds.) *Universal chronicles in the High Middle Ages*. York: York Medieval press, Boydell & Brewer, pp. 1-18.
- Campopiano, M. (2017a) 'Cosmology, theology of history and ideology in Godfrey of Viterbo's Pantheon' in Campopiano, M. and Bainton, H. (eds.) *Universal chronicles in the High Middle Ages*. York: York medieval press, Boydell & Brewer, pp. 121-140.
- Carvajal González, H. (2013) 'El breviarium historiae catholicae de Rodrigo Jiménez de Rada', *Anales de Historia del Arte*, 23, pp. 17-41.
- Catalán, D. (1962) *De Alfonso X al Conde de Barcelos. Cuatro estudios sobre el nacimiento de la historiografía romance en Castilla e Portugal*. Madrid: Gredos.
- Cintra, L.F.L. (1950) 'Uma tradução Galego-Portuguesa desconhecida do Liber Regum', *Bulletin hispanique*, 52(1-2), pp. 27-40.
- Clark, M.J. (2016) *The making of the historia scholastica, 1150–1200*. Turnhout: Brepols.
- Copeland, R. (1995) *Rhetoric, hermeneutics, and translation in the Middle Ages*. Cambridge: Cambridge university press.
- Daly, S. (1957) 'Peter Comestor: Master of histories', *Speculum*, 32(1), pp. 62-73.
- Douchet, S. (2015) *Wauchier de Denain, polygraphe du XIII^e siècle*. Aix-en-Provence: Presses universitaires de Provence [online]. Disponível em: <https://books.openedition.org/pup/19819> (Acesso: 1 jul. 2023).
- Fernández-Ordóñez, I. (2002-2003) 'De la historiografía Fernandina a la Alfonsí', *Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes*, reed. 2009 [online]. Disponível em <https://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmcg4566> (Acesso: 1 jul. 2023).
- Ferreira, M.R. (2010) 'O Liber Regum e a representação aristocrática da Espanha na obra do Conde D. Pedro de Barcelos', *e-Spania*, 9, Jun. 2010 [online]. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/e-spania.19675> (Acesso: 1 jul. 2023).

- Foerster, T. (ed.) (2015) *Godfrey of Viterbo and his readers: imperial tradition and universal history in Late Medieval Europe*. Farnham: Ashgate.
- Furtado, R. (2022) 'Eusebius/Jerome's chronicon in Iberia up to the year 1000', *e-Spania*, 42 [online]. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/e-spania.44769> (Acesso: 1 jul. 2023).
- Furtado, R. (2023) 'Isidoro de Sevilha and Rodrigo Ximénez de Rada', *Medievalista*, 34, jul.-dez. 2023 [online], pp. 253-287. Disponível em: <https://medievalista.iem.fcsh.unl.pt/index.php/medievalista/article/view/599> (Acesso: 1 jul. 2023).
- Gassman, D.L. (1973) 'Translatio studii: a study of intellectual history in the 13th Century', PhD diss., Cornell university.
- Gaullier-Bougassas, C. (2017) 'Écrire la première histoire universelle en Français: l'histoire ancienne jusqu'à César de Wauchier de Denain et l'adaptation du modèle latin de l'histoire universelle à un public de laïcs' in Campopiano, M. and Bainton, H. (eds.), *Universal chronicles in the High Middle Ages*. York: York medieval press, Boydell & Brewer, pp. 179-198.
- Godofredo de Viterbo (1726) *Pantheon in Germanicorum Scriptorum qui rerum a Germanis per multas aetates gestarum historias vel annales posteris reliunquerunt, tomus alter: quo continetur Gotefridi Viterbiensis Pantheon*, 3ª ed., Struvio, B.G. (cur.). Ratisbona: Joannis Conradi Peezii.
- Heusch, C. (2018) 'Penser la traduction au Moyen Âge. Problèmes et perspectives', *Cahiers d'études hispaniques médiévales*, 41, 2018/1, pp. 9-21.
- Jerez Cabrero, E. (2006) 'El chronicon mundi de Lucas de Tuy (c. 1238): técnicas compositivas y motivaciones ideológicas', PhD. diss., Universidad autónoma de Madrid.
- Leite, M. (2012) 'A general estoria de Afonso X em Portugal. As múltiplas formas de receção do texto entre os séculos XIV a XVI', PhD diss., Universidade do Porto.
- Leite, M. (2017) 'Entre Galego-Português e Castelhana: sobre a marginalia da tradução dos salmos no manuscrito R da General Estoria de Afonso X' in Negro Romero, M., Álvarez, R. and Moscoso Mato, E. (eds.) *Gallæcia. Estudos de lingüística portuguesa e galega*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, pp. 893-903.
- Leite, M. (2017a) 'La General Estoria entre dos lenguas: sobre las traducciones de la obra Alfonsí al Gallego-Portugués', *Atalaya*, 17, 2017 [online]. Disponível em: <http://journals.openedition.org/atalaya/2810> (Acesso: 15 nov. 2023).
- Leite, M. (2020) 'Translatio imperii, translatio linguarum? On medieval universal chronicles produced around the holy Roman Empire', *The medieval chronicle*, 13, pp. 131-148.
- Leite, M. (2022) 'Alfonso X's General Estoria at the dawn of Portuguese Renaissance. Study and transcription of a late fifteenth century fragment', *Atalaya* [online], 22, 2022. Disponível em: <http://journals.openedition.org/atalaya/5795> (Acesso: 15 nov. 2023).
- Leite, M. (2022a) 'Crónicas universais a sul do Minho: a Historia Scholastica como alternativa à General Estoria?' in Pichel Góterrez, R. (ed.) *Tenh'eu que mi fez el i mui gram bem - Estudos sobre cultura escrita medieval dedicados a Harvey L. Sharrer*. Madrid: Silex, pp. 241-255.
- Lourdaux, W. and Verhelst, D. (eds.) (1984) *The bible and medieval culture*. Louvaine: Leuven university press.
- Lucas de Tuy (2003) *Cronicon mundi*. Rey, E.F. (ed.). Turnholt: Brepols.

Leite, M. – Mundos em tradução

Translation Matters, 5(2), 2023, pp. 9-18, DOI: https://doi.org/10.21747/21844585/tm5_2a1

- Martin, G. (2000) 'El modelo historiográfico Alfonsí y sus antecedentes' in Martin, G. (coord.) *La Historia Alfonsí: el modelo y sus destinos (Siglos XIII-XV)*. Madrid: Casa de Velázquez, pp. 9-40.
- Martin, G. (2001) 'Dans l'atelier des faussaires. Luc de Tuy, Rodrigue de Tolède, Alphonse X, Sanche IV: trois exemples de manipulations historiques (León-Castille, XIIIe siècle)', *Cahiers de linguistique et de civilisation hispaniques médiévales*, 24, pp. 279-309.
- Martin, G. (2010) 'Libro de las generaciones y linajes de los reyes: ¿Un título vernáculo para el Liber Regum?', *e-Spania* [online], 9, jun. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/e-spania.19852> (Acesso: 1 jul. 2023).
- Martins, M. (1950) 'Fragmentos medievais portugueses', *Brotéria*, 50, pp. 403-414.
- Miranda, J.C.R. (2010) 'Do Liber Regum em Portugal antes de 1340', *e-Spania*, 9, jun. 2010 [online]. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/e-spania.19315> (Acesso: 1 jul. 2023).
- Miranda, J.C.R. (2016) 'A crónica de 1344 e a General Estoria: Hércules e a fundação da monarquia ibérica' in Haro Cortés, M. (dir.) *Literatura y Ficción: "Estorias", Aventuras y Poesía en la Edad Media*, vol. I. Valencia: Publicacions de la universitat de Valencia, pp. 209-224.
- Morey, J.H. (1993) 'Peter Comestor, biblical paraphrase, and the medieval popular bible', *Speculum*, 68(1), pp. 6-35.
- Otto de Freising (1912) *Ottonis episcopi fringensis Chronicon sive historia de duabus civitatibus*. 2ª ed. Hofmeier, A. (ed.). Leipzig: Hahnuni.
- Rodrigo Jimenez de Rada (1992) *Breviarium historiae Catholicae*. Fernández Valverde, J. (ed.) Turnholt: Brepols.
- Rubio Tovar, J. (1997) 'Algunas características de las traducciones medievales', *Revista de literatura medieval*, 9, pp. 197-246.
- Rubio Tovar, J. (2013) *Literatura, historia y traducción*. Madrid: Ediciones de La Discreta.
- Rubio Tovar, J. (2014) 'La traducción en la General Estoria' in Aurell, J. et al. (eds.) *La cultura en la Europa del siglo XIII: Emisión, intermediación, audiencia*. Pamplona: Gobierno de Navarra, Departamento de Cultura, Turismo y Relaciones Institucionales.
- Salvador, X. L. (2007) 'Les traductions médiévales de la Bible: "Coffres" et "Bougettes", Reliquaires de la parole' in James-Raoul, D. and Thomasset, C. (eds.) *De l'écrin au cercueil. Essais sur les contenants au Moyen Âge*. Paris: Presses universitaires de Paris-Sorbonne, pp. 221-240.
- Salvo García, I. (2018) "E es de saber que son en este traslado todas las estorias". La traducción en el taller de la *General Estoria* de Alfonso X', *Cahiers d'études hispaniques médiévales*, 41, 2018/1, pp. 139-154.
- Sánchez-Prieto Borja, P. (1994) 'La *General Estoria* como obra de traducción (a propósito de GE3 Sab.)' in Toro Pascua, M.I. (ed.) *Actas del III congreso de la asociación hispánica de literatura medieval*. Salamanca: Universidad de Salamanca, pp. 923-931.
- Thierry, C. (2017) 'Écrire l'histoire universelle à la cour de Konrad IV de Hohenstaufen: La weltchronik de Rudolf von Ems (milieu du XIIIe siècle)' in Campopiano, M. and Bainton, H. (eds.) *Universal chronicles in the High Middle Ages*. York: York medieval press, Boydell & Brewer, pp. 141-178.
- Tyler, E.M. (2017) 'Writing universal history in eleventh-century England: Cotton Tiberius B. i, German imperial history-writing and vernacular lay literacy' in Campopiano, M. and Bainton, H. (eds.) *Universal chronicles in the High Middle Ages*. York: York medieval press, Boydell & Brewer, pp. 65-94.

- Van Liere, F. (2014) 'The vernacular Bible' in *An introduction to the medieval Bible*. New York: Cambridge university press, pp. 177-207.
- Voorbij, H. and Albrecht, E. (1996) Vincent of Beauvais [online]. Disponível em: <http://www.vincentiusbelvacensis.eu/> (Acesso: 1 jul. 2023).
- Wittig, C. (2017) 'Political didacticism in the twelfth century: the middle-high German kaiserchronik' in Campopiano, M. and Bainton, H. (eds.) *Universal chronicles in the High Middle Ages*. York: York medieval press, Boydell & Brewer, pp. 95-119.

Sobre a autora: Mariana Leite é Doutora em Literatura (U. Porto, 2013) com uma tese sobre a receção portuguesa da General Estoria. Concluiu um pós-doutoramento (2023) sobre a presença da História Scholastica de Pedro Comestor em Portugal. A sua investigação centra-se na presença de fontes para crónicas universais (sobretudo bíblicas e clássicas) na cultura medieval portuguesa.